



“O mar e a terra são territórios”: ensinamentos do sr. Nildo Sacramento Bomfim, do quilombo Pesqueiro Graciosa-BA

Andréa Souza Bomfim

Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília (PPGDH/UnB)

Rosânia do Nascimento

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pelo Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ)

Entrevistadoras: Vamos começar pelo começo. Quem é o Sr. Nildo Sacramento Bomfim?



Figura 01. O Sr. Nildo Sacramento Bomfim. **Fonte:** Guilherme Oliveira (Coletivo Enfrenta Filmes), 2021.

SR. NILDO SACRAMENTO BOMFIM: Sou Nildo Sacramento Bomfim, nascido e criado aqui no Quilombo Graciosa, no Baixo Sul, Bahia. Sou Filho de José Cunha de Oliveira e neto paterno de Júlio Cunha e Dona Sinforosa, sou neto materno de Dona Nega e filho de Dona Zélia, que é conhecida na comunidade pelo nome de Maria Domingas, mas conhecida popularmente por Dona Zélia.



Sou nascido aqui, meus antepassados, avô e avó foram nascidos aqui também. Sou casado há 26 anos com uma pessoa daqui da comunidade nativa chamada Bárbara Ramos. Tenho dois filhos, Inara, de 25 anos, e Alisson, de 15. Sou pescador, sou agricultor. É isso.

Entrevistadoras: Suponhamos que em uma gira o senhor tenha que descrever pela oralidade a história do Quilombo Graciosa para crianças e jovens dos territórios pesqueiros e quilombolas, como o senhor contaria essa história?

SR. NILDO SACRAMENTO BOMFIM: Cresci no Quilombo Graciosa e acho importante a gente contar para criança e adolescente da forma que a gente foi criado para que essas pessoas percebam um pouco da mudança, como as coisas vão mudando. Então, cresci, a gente dava bênção até a quem não era parente nosso, né? A gente pedia bênção aos mais velhos, independente de se fosse nosso avô ou avó. A gente seguia aqueles rituais. Na época, por exemplo, de Sexta-feira da Paixão, a gente tinha aquela missão de ir nas casas de todas as pessoas dar bênção, comer um feijãozinho de leite, que é tradição, pois ainda seguimos isso e comer peixe, né? Porque o peixe é indispensável.

Gostaria muito de contar para essas pessoas a forma que a gente cresceu, brincando absolutamente livre no território. Nada do que existe hoje, a gente não tinha televisão, a gente não tinha estrada, não tinha carro naquela época, né? Ou seja, o carro que passava era de tempo em tempo e que não tinha velocidade por conta da estrada de chão. A gente ia pra escola, estudava até aprender a fazer o nome. Aqui era assim, meu pai sempre falava que as filhas, as meninas, tinham que estudar, podiam estudar mais. Agora, os homens não tinham como estudar, aprender a fazer o nome, porque eles costumavam falar que a caneta do homem era a enxada. E assim a gente foi criado, né? Aprendendo a trabalhar, porque as famílias eram muito grandes, né? E aí, os filhos mais velhos tinham que ajudar o pai na labuta, a mãe, o pai criando os mais novos. Então, todo mundo seguia assim.

As famílias naquela época eram muito difíceis de terem menos de oito filhos. Mas era uma época que a gente, ainda que a gente não percebesse, porque esse sistema é muito cruel, hoje percebo isso assim e é isso que me deixou indignado, porque a gente tinha tudo, os nossos mais velhos, nossos antepassados tinham tudo em abundância, mas estalavam na mente deles que a gente não tinha nada. E terminava que eles achavam que não tinha nada, que o caranguejo, que o peixe, que o porco, que a terra para plantar não valiam nada. A juventude e as crianças precisam entender como se deu esse golpe, né? Porque isso foi uma tática usada pra eles se apropriarem do nosso território.

Instalaram nas mentes dos nossos mais velhos e mais velhas que tudo que a gente tinha não valia, não tinha importância nenhuma. E aí, uma das coisas que me deixa muito intrigado e que eu falo, gosto de estar sempre quando tenho espaço, de estar falando pra juventude, é que essa conversa bonita de emprego, de geração de emprego e renda, isso aí foi o fracasso do nosso povo, né? Porque nisso aí, nosso povo foi traído. Cheguei a sair do meu território por um período pequeno, de seis anos, mas eu saí naquela época, era bem jovem. Eles traíram o nosso povo, usando sempre palavras fantasiosas, e aí falava que a gente nunca ia chegar a lugar



nenhum, a gente nunca ia crescer, a gente nunca ia ser ninguém na vida, enquanto a gente aceitasse essa vida. Assim, essas pessoas chegaram no território, se instalaram em nosso território e hoje eles se dizem os “donos” do que é nosso. Vejo isso com muita tristeza e revolta, porque a gente tinha tudo, seus nossos mais velhos não tivessem sido traídos.

Primeiro, tiraram o nosso direito à educação, à escola. Começa por aí. A covardia é tão grande que eles tiram o direito à educação, porque fica bem mais fácil, só eles tendo essa questão do domínio da leitura, da escrita, fica fácil para conversar com uma pessoa que não teve nada disso. E aí vem a outra situação, a cor da pele. Os brancos colocavam na mente dos nossos que a nossa cor era uma cor inferior, o nosso cabelo era inferior, e o nosso povo cresceu com isso na mente. Então, a gente faz um pouco dessa discussão, para que a juventude não caia nessa nessa enganação, porque é importante falar para o nosso povo que nosso território, quando preservado, ele tem tudo. Desde a medicina, até a alimentação, a qualidade de vida. Hoje tenho essa consciência e brigo. Esse também foi um dos motivos, a partir do momento que comecei a perceber, e que me deixou indignado, e que abracei essa causa, e que acho que todo jovem e toda criança precisa saber.

Entrevistadoras: O mestre Antônio Bispo dos Santos, do Quilombo Saco-Curtume-PI, nos contava que no caminho da roça, os cantos dos pássaros informam sobre as condições do tempo e da plantação, tudo isso ele aprendeu com os mais velhos e mais velhas. Como o senhor percebe e descreve os sons, cheiros e cantos das matas, dos manguezais e das águas? Com quem aprendeu?

SR. NILDO SACRAMENTO BOMFIM: Pronto, essa pergunta é muito bacana. Vivo isso até hoje. Essa pergunta me fez recordar que é algo que a gente não discute tanto com os mais novos, e que a gente precisa discutir. Mas cresci assim, aprendendo assim. Hoje, por exemplo, quando começa a primavera, acordo cedo porque nunca precisei colocar o celular para despertar, porque a sabiá, às quatro horas, três e pouca da madrugada, ela já está cantando, porque ela dorme e, geralmente, ela faz ninho próximo às nossas casas. Tem o sabiá e o guaxe¹ que são aqueles que acordam mais cedo, eles fazem casa no alto dos dendezeiros. E aí, cantando, a gente vai se levantando, e já sei, não preciso colocar despertador.

O meu despertador são os pássaros. Então, quero chamar a atenção que quando vocês fizeram essa pergunta, me fez recordar quando meu pai chegava e falava: “Ô Nildo, tá ouvindo a cigarra cantando?”. Porque existe uma diferença no canto da cigarra, quando é de manhã, quando é de tarde. Talvez não consiga me lembrar exatamente quando ele me contou, mas o sentido dela tá cantando pela tardezinha é porque o próximo dia vai ser bom. O sol, no caso, o bom que eu falo no sentido do tempo. Vai ser um tempo bom de sol. E a noite já tem outra diferença, pela manhã outra diferença. Aqui tem uma cachoeira, em um quilombo vizinho, e essa cachoeira, nunca mais ouvia ela fazer barulho. Vou até prestar atenção, mas há uns 20 anos atrás, 25 anos atrás, ainda ouvia o barulho dela, e quando ela fazia barulho, ela não fazia barulho porque choveu demais. Ela fazia barulho porque estava avisando ali a questão da mudança do

¹O guaxe (*Cacicus haemorrhous*) é uma espécie conhecida também como japira.



tempo, entendem? Então, essa cachoeira, ela avisava a gente sobre isso, sobre o tempo. Rapaz, isso é encantador. É encantador.

Vou voltar a refletir sobre isso, a me atentar, porque agora é uma hora que tô me esforçando aí para parar de muito “corre”, muita luta, e focar mais na minha labuta do dia a dia, aqui mesmo no território. A saracura é um pássaro que ela voa, mas toda a trajetória dela é mais andando, e ela costuma sair em bando, nem sei como é que se chama, mas elas são muitas e andam juntas, né? Então, ela sai cantando. O canto dela também diz se o tempo vai ser bom, se o tempo vai ser ruim, no sentido de chuva ou sol.

Outra coisa que aprendi com os mais velhos é quando a gente sai cedo pra maré, naquela época, hoje mudou muita coisa, a gente entrava no mangue com a maré cheia, porque a gente ouvia o borbulhar da água, e aquilo dizia se aquele ambiente ali tinha uma boa produção ou não, dependendo da quantidade de borbulha, né? Porque faz um barulhinho, e às vezes um estalo. Para quem já entrou no mangue, sabe que tem uns estalos, né? O cheiro, por exemplo, a gente sabe quando é um cheiro saudável ou é um cheiro de quando aquele ambiente já tá contaminado. Então dá para a gente perceber. Uma outra coisa é a folha, a quantidade de folha. Assim que a maré sai do mangue, a gente, pela quantidade de folha que tem ali naquele mangue, a gente percebe a quantidade do alimento, do produto que tem ali. Porque o caranguejo, o siri, o aratu, eles comem folha. Se o mangue tiver muita folha, porque tem pouco siri, pouco caranguejo e aratu. Se o mangue estiver limpo, é porque é um ambiente que tem uma boa produção.

São essas coisas que a gente aprendia dos mais velhos e mais velhas. E hoje a gente tá tentando, a gente vem tentando envolver a juventude para que não se perca. Ainda que talvez não vão viver como a gente vive, como nossos mais velhos viveram, mas que a juventude possa ser que venha dar uma reviravolta na vida. E o que a gente vai ter como suporte são esses conhecimentos.

Nós tivemos aí, há pouco tempo, a pandemia. E passei por isso pela primeira vez na vida. Nós não tivemos tanto desespero. A gente ficou com medo de tanta gente morrendo, aquela coisa. Mas a questão da alimentação, a gente ajudou muita gente. Inclusive, quando essas pessoas começaram a chegar, comecei a ter uma lembrança e uma comparação da época da escravidão que contam que soltavam as pessoas e soltavam pelo mundo sem nada. Então, foi a mesma coisa que aconteceu com a pandemia. Essas pessoas foram chegando sem nada, e fomos nós da comunidade e os nativos que acolhemos e demos apoio a essas pessoas. O que a gente tem, que vêm aí há milhares de anos, é o mangue, é a maré, é a terra, é a floresta, são os nossos conhecimentos.

Entrevistadoras: A agricultura e a pesca são atividades tradicionais para o Quilombo Graciosa. Como o senhor percebe essa relação entre terra e mar no território pesqueiro quilombola?

SR. NILDO SACRAMENTO BOMFIM: No nosso caso, não tem como uma comunidade que nem a nossa viver sem um ou outro, porque nós costumamos nos adequar de acordo com



as estações. Então, temos os períodos bons da pesca, que a maioria das pessoas preferem, acham que é melhor ir para a pesca.

Aqui na nossa região, no Baixo Sul, quando o assunto é você trabalhar com roça, fazer plantação, geralmente, a gente costuma iniciar no mês de julho, porque já está saindo daquele tempo muito frio. E aí tem aquela questão que nós não costumamos iniciar, quer dizer, hoje muita gente não sabe disso, mas ainda peguei isso, que a gente não inicia roça, não inicia muitas atividades no mês de agosto. Ou seja, se você for perceber que vai precisar trabalhar no mês de agosto, você começa em julho. No mês de agosto, você para no primeiro dia. Eu, por exemplo, ainda mantenho isso, e não trabalho dia primeiro de agosto, porque cresci meu pai falando assim, né? O mês de agosto é um mês que requer muita reza, a gente precisa ficar muito dentro de casa, em reza, cuidando um do outro, cuidando dos animais, essas coisas. Não é um mês para você estar viajando. Então, eu e um outro irmão, a gente ainda segue esse rito, e acredito que muitas outras pessoas daqui ainda seguem isso, é que as pessoas não costumam falar, mas a gente costuma fazer e seguir isso.

Quando você vai trabalhar, iniciar uma roça, a gente, naquele primeiro momento, a gente não tira uma produção, não tem nenhuma produção. Então, quem garante que a gente vai estar de barriga cheia até começar a colher é a pesca, entendem? Então, ali a gente segue, vai pescar, acumula uma certa quantidade de comida para ter condições para a gente botar nossa roça, e a partir daí, as duas coisas vão começando a estar em equilíbrio. Isso estou falando no início, né? É uma relação.

Para nós, o mar é território, para nós é território, mar e terra, porque a gente está ali, a gente cresceu, nosso conhecimento, nosso lazer, a gente vê o mar assim. Quantas vezes estou trabalhando muito tempo na terra, daqui a pouco me dá aquela vontade, assim, preciso dar uma remada, preciso pescar, preciso sair um pouco, porque o meu corpo já está acostumado com essas coisas, sente falta quando levo muito tempo na terra, e muitas outras pessoas do território também, acredito.

Entrevistadoras: Nas perguntas anteriores, falamos sobre a importância da oralidade e dos conhecimentos transmitidos pelos mais velhos e mais velhas quilombolas, marisqueiras e pescadores/as. Na história das lutas sociais, essas pessoas pouco frequentaram os bancos escolares, mas conseguiram fundar e passar adiante a luta por seus direitos. O senhor percebe que as lideranças com pouca escolaridade, nos dias de hoje, sofrem tipos específicos de embargos e boicotes?

SR. NILDO SACRAMENTO BOMFIM: Olha, essa é uma das perguntas que vejo assim, muito importante que vocês trazem, porque vejo que as maiores lideranças, elas realmente são lideranças que não aprenderam com os livros. Então, elas aprenderam com a realidade, com a prática, né, elas sabem da importância de um peixe, elas sabem da importância de um pé de árvore, elas sabem a importância de um pé de mangue. Essas pessoas zelam por isso, zelam para que isso não se perca, né, para que tenham sempre peixe, para que tenham sempre terra, mata, bichos e águas.



Às vezes, quando a gente defende essa questão, a gente é visto como pessoas mesquinhas, como pessoas que se contentam com pouco. Não generalizando, a maioria dessas pessoas continuam instalando na mente de nós, até hoje, que botar uma roça é coisa de gente pequena, que ir na maré pegar um peixe é coisa de gente que não tem futuro, que nunca vai ter nada na vida. Isso é muito cruel, isso é muito agressivo, sabe? Quero dizer porque tive a oportunidade de passar por um processo de formação chamado Programa Juristas Leigos, mas quero dizer que a gente está o tempo todo em formação, só a gente se dispor a isso. Esse programa foi feito na nossa comunidade, isso deu assim um gás e tanto para gente e para nossa luta. Esse trabalho é feito pela AATR² e surtiu um grande efeito.

Mas quero trazer aqui outro ponto: a Universidade. Algumas universidades públicas, por exemplo, têm alguns professores que tendem a fazer um trabalho de formação sério e honesto. A AATR, para mim, é uma das organizações mais importantes que já conheci na minha história, porque a AATR vem ensinar o que é de direito para aquele povo que não sabe o direito a partir do livro. A gente sabe o direito, mas a gente não sabe a quem recorrer e a AATR faz esse papel, ela ensina o jurídico. Ela está ali para fazer o que é jurídico. Ela não está ali para tentar nos atravessar.

Infelizmente, tenho que falar isso, existem várias organizações que se apropriam dessa falta de conhecimento, desse povo que não teve a oportunidade de ter o domínio da leitura e da escrita para estarem ali com uma forma estar sempre ali representando aquelas pessoas. E aí, falo porque aconteceu comigo, quando essas pessoas, elas não aceitam, por incrível que pareça, quando essas pessoas chegam ao ponto de não aceitarem essa tutela, elas são perseguidas, é feito um esquema tão perverso para deixarem essas pessoas invisíveis e apagam a história dessas pessoas. Sofro isso na pele, mas como sou um preto meio revoltado, não aceito nada dessa coisa e continuo, vou um pouco à frente, quando percebo que estou muito assoberbado, dou uma parada, mas aquela parada não é porque estou desanimado, é uma parada que estou fazendo porque tenho certeza que preciso parar para voltar melhor. Então, a gente sofre isso constantemente.

Agora, no momento, estou sofrendo uma perseguição imensa por uma pessoa que chegou, depois da luta toda feita, essa pessoa vivia próximo a gente, monitorando, e essa pessoa, por saber que sou a pessoa que não domino a escrita e a leitura, essa pessoa anda todo de peito estufado, cheio de pose, não sabe plantar um pé de quiabo, digamos assim, mas ele fala de tudo isso como que sejam eles que são as pessoas que praticam, sabe? Existe uma falta de respeito tão grande de várias outras pessoas que eles chegam, faz um apanhado, só que eles também se acham tanto sábios que eles terminam se queimando por eles mesmos, porque ainda bem eles não começam a aprender, eles já estão narrando, e aí eles se perdem, terminam se perdendo, porque esse povo, acho que já, por natureza, nunca consegue passar tudo de vez para ninguém, nosso povo.

É com o tempo que o nosso povo vai se despertando, que as coisas vão se despertando e a gente vai trabalhando, mas na hora que a gente vai para a prática, a gente sabe o que vai fazer. E essa galera que vem para aprender, que vem para conhecer nossa história e viver, e tirar

²Associação de Advogados/as de Trabalhadores/as Rurais (AATR).



isso como uma profissão. As pessoas chegam e dizem assim, “sou banto, indígena, sou afro, não sei o quê, sou isso, sou aquilo”. Claro, tem muita gente com essa legitimidade, mas outras pessoas aprendem e se apropriam a falar dessa forma, conhecem nossa história, passam a conhecer, e daí saem fazendo essa narrativa por aí tudo, abraçando o presidente da república, abraçando o ministro disso, o ministro daquilo, e essas pessoas estão sentadas na mesa, isso deixa a gente revoltado. Elas assumem o papel de serem convidadas para sentarem na mesa com esse povo, com o deputado, com o ministro fulano, e aí tiram foto, passam na televisão, e isso termina fazendo um estrago imenso na nossa vida, porque essas pessoas se contentam com esse lugar de fama, de estar ali aparecendo em TV, de estar aparecendo, dando entrevista, essas pessoas querem isso, elas têm esse ego. E aí terminam o quê? Negociando a vida dessas pessoas que estão cá.

Conheço pessoas aqui, iguais a mim, e essas pessoas se sentem felizes só em falarem: “Ah, eu tenho uma viagem para Brasília, tal dia. E até não sei para onde, tal”. E aí eles ficam ali, dentro da comunidade, quase ninguém vê, entendem o quanto é complicado isso? E aí, quando chega em um espaço de fala que nós estamos lá, junto com essas pessoas, essas pessoas batem de frente com a gente por conta do domínio da palavra. E olha que a gente não está falando nada diferente do que eles estão falando. A única questão é que eles falam bonito.

Tenho maior carinho e respeito pela escrita e pela leitura. Sou um cara que não estudei, mas tenho a maior honra de dizer aquilo que não tive, entreguei a minha vida inteira e agradeço a Deus, agradeço a todas as forças. Nunca fui um cara de ficar doente. E venho passando isso para meus filhos e para minha esposa. Quando casei com minha esposa, ela era adolescente ainda, e ela parou de estudar. Aquilo ficou me incomodando muito tempo. Quando as coisas foram dando uma equilibrada, comecei a pegar no pé dela para estudar. Trabalhava, sou ousado para isso. Nunca tinha pena de investir na minha família. E hoje, a única pessoa que não estudou dentro da minha casa sou eu. E tenho o maior orgulho de que sou a pessoa que os meus filhos, a minha família, vêm consultar muitas coisas, a minha pessoa que não estudou. Eles são do ensino superior, são formados, estão formados. Então, a gente percebe que uma coisa precisa estar alinhada à outra.

Acredito muito quando o jovem sai do seu quilombo, conhece a sua história, para estudar, porque é aquele jovem que conhece a realidade do seu povo, que vai defender o seu povo de uma forma certa. Porque o que está fazendo aí, o que está acontecendo muito aí, é muita gente que se encanta com tal, “ah, eu quero trabalhar com indígenas, quero trabalhar com quilombola”. Isso é perigoso. Isso é perigoso e vejo as pessoas infiltradas. Vejo que são pessoas infiltradas como nunca, isso nunca parou, nunca, sempre foi assim. Sempre foi assim. Então, o povo branco, eles sempre usaram essa tática. O povo branco, nem vou usar esse termo, as pessoas maliciosas que estão acostumadas a viverem no fácil, a viverem de proveito, essas pessoas usam essas estratégias. A gente sai por aí e você vê pessoas que não têm nada a ver com nossa realidade e essas pessoas estão nos lugares de decisão. Essas pessoas vêm para dentro dos nossos territórios, vêm ouvir a gente, falam, a gente passa as coisas para eles e chegam lá e eles vão ver o que é bom para eles ou para a gente. É isso que vem acontecendo.

Venho sempre conversando com as pessoas: Olha, nós precisamos ter cuidado com pessoas que não têm nada a ver com nossa realidade, porque essas pessoas estão ali para estar



acompanhando passo a passo da nossa organização, o que é que aquele povo preto, aquele povo indígena, aquele povo de comunidade tradicional está pensando que pode nos prejudicar. Então, a forma que eles usam é essa de estarem infiltrados. E a gente termina falando. A gente termina falando porque a gente tem aquela coisa de falar a verdade e achar que a gente deve falar, sabe, porque é bom. É bom, é, mas as pessoas não querem saber o que é bom para o nosso povo. Essas pessoas estão querendo ver o que é bom para eles, sabe?

Entrevistadoras: O senhor, por exemplo, é uma das figuras mais importantes na construção do Movimento de Pescadores e Pescadoras (MPP) e da Escola das Águas. Ao mesmo tempo, o senhor se mantém firme nas lutas políticas dentro do seu território. Pode nos falar um pouco sobre esses processos de luta das duas últimas décadas?

SR. NILDO SACRAMENTO BOMFIM: Entendo que sou uma pessoa que foi direcionada a fazer esse papel, sabe? Acho que é aceitar uma missão que me foi dada. Quando falo sobre isso, não tô falando que não tive dificuldades na minha vida, né? Todo mundo tem. Mas fui me aprofundando na história de Graciosa a partir do dos mais velhos e mais velhas. Via meu pai, ele dava um duro danado, plantava roça e estava ali junto com ele. Tava um duro danado comendo nosso peixinho seco com farinha, nosso jabá com farinha, molhado ali na água fria na hora, sabe? Quando chegava um fazendeiro, uma pessoa que estava na cidade grande, meu pai tirava as melhores frutas, as melhores melancias, e essas pessoas levavam sem nem pagar um centavo. Observe, quer dizer que as pessoas estão lá, estão defendendo o dinheiro dele, ainda vem pra cá pra chupar suas melancias, usufruir daquele trabalho. Então, sempre cresci com aquilo me incomodando. Mas a gente não se ousava a dizer não.

Nosso pai era ele que tava tirando e dando para os fazendeiros. Mas cresci com aquilo me incomodando, me deixando assim muito inquieto. E aí, desde lá já disse, rapaz, tem alguma coisa que tá errada, que não tá batendo. Mas não tinha habilidade para descobrir. Quando vim descobrir isso, foi a partir de uma formação há uns 17 anos atrás que um professor da UFBA³ trouxe um grupo de estudantes para fazer um trabalho aqui no Baixo Sul. Então, pelo fato de não dominar a escrita, sempre me encantei, sempre gostei de estar nesses espaços, fui passar a conhecer a história do que é ser preto, o que é ser quilombola, o que é ser descendente de africano, sabe? E aí, foi a partir daí que a gente foi começar a conhecer o que são os povos e comunidades tradicionais, o que é o direito quilombola.

Quando passei a entender os direitos que as comunidades quilombolas têm ao seu território, aquilo pra mim foi uma revolta imensa, porque nosso povo viveu aí há muito tempo, sendo enganado, jogava para aqui, jogava pra lá. As pessoas que a gente não sabia de onde vinham, chegaram e dominaram, né? Passei a entender essa situação e disse: “Não, se é nosso, esse nosso a gente vai ter que ter”. A partir daí entrei na militância, comecei a fazer um trabalho na comunidade, era no baba⁴, porque eu sou chato, sabe? A gente ia no baba, a gente ia jogar o dominó, a gente ia no bar, só falava isso. A gente começou a ir aos órgãos públicos.

³Universidade Federal da Bahia (UFBA).

⁴“Baba” é uma gíria baiana para definir uma partida de futebol amadora.



Depois de enfrentar alguns problemas internos, como um homem que sempre vivi em Graciosa, porque sempre tive a maior garantia do que sei fazer, plantar e pescar, disse: “Ninguém vai me intimidar, porque não passo mal dentro do meu território. E não passo mal, não passo miséria dentro do meu território, porque aqui dentro sei fazer tudo”. Dentro da primeira associação estava sempre na reunião falando sobre nosso território, alertando que o mar estava sendo perdido, os caras estão tomando nosso estuário, porque estuário é um braço de rio, né, que encontra com o mar. Os empresários da carcinicultura estão tomando nosso território, estão expulsando nosso povo. Nosso povo precisa de terras para a gente se fortalecer. Comecei a ser o chato dessas reuniões, porque essas pessoas que aprenderam a ler e escrever, eles têm essa coisa de dizer assim: “Ó, o meu grau escolar dá pra viver mais ou menos, e não vou entrar nessa briga, porque estou mais ou menos por dentro, então não vou brigar por terra, não vou brigar por água”, entendem? E aí tive que começar a briga, aqui dentro da comunidade.

Logo depois criamos uma outra associação para reivindicar o nosso território, e começamos a fazer uma luta da forma para incluir a massa, porque a massa mesmo são as pessoas que não estudaram, e o que estava em jogo é o território, o que vai atingir 95% desse território. Fiquei uns 10 a 12 anos buzinando nos ouvidos das pessoas, porque sou do mangue, sou da roça, e estava sempre junto com as pessoas, então a gente denunciou, pediu que o INCRA⁵ e a SPU⁶ iniciassem os trabalhos de titulação do território. Ninguém deu importância, ninguém nos ouviu, e tudo isso já foi feito a partir de uma outra associação.

No dia 8 de abril de 2014, o nosso povo começou a retomada do nosso território, tudo feito com muito amor e com a única intenção de não perder o nosso território. Na história dos quilombos da Bahia, acho que foi a primeira comunidade ou a segunda a realizar a retomada. Nesse tempo aí, tinha um pessoal aqui que prestava assessoria à comunidade. Quando nós nos reunimos e falamos que iríamos retomar, na noite anterior, essa pessoa levantou e disse: “acho que está sendo precipitado, que não deveria ser nessa noite”. Olha, como que uma pessoa que a gente nem sabe de onde era ainda, na época, ia chegar em uma reunião com quase 80 pessoas quilombolas, pescadores e pescadoras, a maioria decidiu que a retomada deveria ser naquela noite, sim, e foi por isso que deu certo.

A gente precisa sempre falar dessa área da retomada e defender de unhas e dentes. Primeiro, o nosso povo vivia dentro de um território absoluto, de terra e mar. Perdeu a terra. A partir daí perdemos a terra e fomos expulsos, fomos migrados para a beira da maré. Nessa beira da maré, nosso povo se desenvolveu e construiu essa comunidade. O centro hoje está lá, onde era um lugar que não tinha tanta importância para os olhos do capital. Beirada de mar, beira de maré naquela época.

Daí surge o turismo. E aí bombou. Do nada bombou, porque viram que era um lugar propício para criar peixe, criar camarão, criar um monte de coisa. O turismo começou a escoar para as ilhas de Tinharé e Boipeba. E onde estão as ilhas, estão as praias mais famosas daqui do nosso Baixo Sul. Então, a partir daí começaram já querendo nos tirar de lá, de onde a gente tinha migrado, porque perdeu a terra. Conhecia essa história. E aí eu disse, “a gente daqui não

⁵Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

⁶Secretaria do Patrimônio da União (SPU).



vai sair”. Aí a gente começou. Mas a gente ia perder para o turismo, tudo empresário do ramo do turismo, queriam a área para estacionamento, posto de gasolina, criação de marina, embarque e desembarque de pessoas, porque esse lugar é um lugar propício. E aí nós provocamos e denunciemos ao INCRA e a SPU, mas nunca vieram nos atender.

Aí observe, quando a gente resolve, no dia 8 de abril de 2014, a fazer essa retomada, que a gente entrou lá com 63 pessoas, com menos de três dias, a gente já estava em quase 100. E assim foi. Enchia e esvaziava, mas a gente estava pronto e decidido, porque a gente já sabia que aquilo ali era nosso e a gente precisava, só tinha essa alternativa. O que aconteceu? Quando nós retomamos, aí o INCRA veio. O INCRA veio para a comunidade nos convencer a que a gente saísse da área, para que os trabalhos de titulação fossem feitos de uma forma mais tranquila, mais à vontade. Olha onde está a crueldade. Mas observe o esquema. Onde a gente vai, a gente tenta conversar com as comunidades. Gente, nós não vamos vencer batalha a partir dos órgãos responsáveis por nada. Não vamos vencer essa batalha. Os órgãos estão lá para parar nosso povo. Os órgãos estão lá para acomodar nosso povo.

Hoje a área da retomada está à briga. Para você ter uma ideia, o nosso território foi reconhecido no dia 28 de junho de 2024 pelo INCRA. Foram reconhecidos 606 hectares de terra, deixando essa área da retomada de fora. Esse processo vem desde 2007 para cá. Para você ver, olha quanto tempo, né? O INCRA reconheceu o território, reconheceu o direito da comunidade ao território, mas a comunidade deve aceitar deixar esses 18 hectares de fora, porque são de interesse do turismo. Observe o tamanho da agressão. A gente tem essa decisão de que a gente não vai abrir mão. Nós não vamos abrir mão. “Ah, porque vocês têm 606 hectares, mas por conta de 8 hectares não vai fazer diferença”. Vai fazer muita diferença, sim. Ou seja, entendo que os povos indígenas, os povos quilombolas, as comunidades tradicionais tinham que ter se indenizados pelo Estado por tantos anos que a gente está aqui vivendo na pobreza, porque essa pobreza foram eles que criaram, porque muitos dos nossos foram afastados de dentro do território, atraídos para outros espaços, atraídos para trabalharem em bares, restaurantes e *resorts*, essas pessoas dependem de um salário mínimo.

Lamento por saber que nossos irmãos e irmãs estão sendo massacrados, trabalham por um salário mínimo e há aqueles que são obrigados a terem que fazer outras coisas, porque não têm outra saída. Então, isso não deu certo. O Estado deveria ter vergonha de chegar e falar: Não deu certo. Nós desgraçamos o país, porque tiramos esse povo de onde eles estavam, dizendo que íamos garantir, e não garantimos nada. Trouxemos a miséria para o povo e a riqueza para um pequeno número de gente, sabe? É isso.

Estou falando assim porque é um assunto que tenho muita revolta, porque tenho isso de letra. Quando você fala sobre a questão de não abrir mão do trabalho, do território, nunca vou abrir mão. Em nome de Jesus e de todas as forças que acredito, nunca vou abrir mão. Estou aqui na prática, trabalhando, porque o objetivo é para que os mais jovens percebam que isso não dá certo. Não vejam que o nosso modo de vida é ser miserável, entendem? Porque nós conseguimos dar educação. A minha filha, Inara, quando vem de Salvador, ela vem para aqui, falo: “vai lá na roça botar comida para os porcos, que vou dar uma trabalhada na praia”. A minha filha nunca se recusou. Ela está lá fazendo uma outra formação, mas ela sabe do valor



que existe aqui. Então, é isso que quero dizer. E a gente precisa estar aqui dentro, porque, às vezes, essa coisa de movimento social, organizações e assessorias vão tirando você de dentro do seu território para você viver fora. Isso é perigoso, isso é a tática dos coronéis. Acredito muito em pessoas como Elionice Conceição Sacramento⁷, Andréa Souza Bomfim⁸, como minha filha Inara Bomfim⁹, que nem muitas outras pessoas quilombolas e pescadoras que nascem e crescem dentro dos seus territórios, saem para adquirir conhecimento, mas estão ali atentas às estratégias, porque a gente não pode sair de nosso território, adquirir outro conhecimento e esquecer dos nossos, sabe?

Entrevistadoras: Nos dias de hoje, quais são as principais violações e conflitos sofridos pelo Quilombo Graciosa?

SR. NILDO SACRAMENTO BOMFIM: Observe, tenho 56 anos de idade, e só estudei até 12, 13 anos, se não me engano, porque naquela época a gente começava a estudar já grande. Então, lembro que a gente ia pra escola na estrada de chão, né, que às vezes a gente chegava em casa todo melado de terra vermelha, aquela terra vermelha quando era época de chuva, né? Então, isso aí deve ter o quê? 44 anos atrás, né? Até aí a gente viveu, em bom período ainda, tudo mais ou menos, tudo mais tranquilo. Quando vem surgindo essa questão de estrada, se eu não estiver enganado, isso deve ter uns 40 anos.

⁷Conforme sua própria autodefinição política, é uma pescadora quilombola da Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA. Além de ser reconhecida pelos seus pares como mestra do saber tradicional, atua na Articulação Nacional das Pescadoras (ANP) e cursa o doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

⁸Quilombola do Quilombo Pesqueiro Graciosa-BA, é jurista e atua na Articulação Nacional das Pescadoras (ANP). É co-autora desta entrevista.

⁹Quilombola do Quilombo Pesqueiro Graciosa-BA, é estudante do curso de Odontologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Figura 02. O Sr. Nildo Sacramento Bomfim. **Fonte:** Guilherme Oliveira (Coletivo Enfrenta Filmes), 2021.

O que percebo hoje é que já estava tudo mapeado, né? Ali já estava tudo mapeado, inclusive nessa época quem dominava a Bahia era o pessoal do Antônio Carlos Magalhães (ACM). Já estava mapeada a expansão das terras públicas, o governo tinha acesso a tudo isso, e aí eles já saíam presenteando os deles, né? Então, aqui na nossa comunidade tem uma família de brancos, portugueses, que são os maiores donos das terras aqui em Graciosa. Tudo terra grilada, a maior parte. E aí, junto com isso, os cartórios da época, né? Eles eram cartórios que as pessoas eram escolhidas para estar lá, e aí eram pessoas ligadas ao fazendeiro e ligadas ao governo, né? Então, eles conseguiam pegar e fazer esse documento e entregar para as pessoas que eles achavam por bem, né? E tinha muito daquela coisa do coronel, da agiotagem, já existia naquela época.

Aqui nós temos uma história muito real, que essa área da retomada era uma área que estava na mão de um pessoal, e aí o fazendeiro chegou, começou a emprestar dinheiro, já tudo bolado, e chegou ao ponto dessa pessoa não ter condições de pagar, e aí ele tomou a terra, tomou essa terra. Então, era mais ou menos dessa forma que as coisas funcionavam, e era tudo ligado ao Estado, tudo ligado ao governo do Estado. Não tinha nada ali separado, sabe? Acho que o maior erro de tudo isso aí não está somente no turismo, nos empresários, estava no Estado, porque até hoje a gente vê que não mudou muita coisa, a gente vê o Inema¹⁰ presenteando esse povo com nossas terras escancaradamente.

Olha, existe outro problema que nem é terra vendida para estrangeiros, acho que o correto é dizer invadida por estrangeiros. Existe uma estratégia usada contra o nosso povo, é a questão da carcicultura. Porque eles estão iludindo o nosso povo, a juventude principalmente,

¹⁰Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema), órgão ambiental da Bahia.



dentro dessas comunidades, eles vêm envolvendo o povo, tirando o povo da pesca artesanal para trabalhar com a carcinicultura. O nosso povo está removendo os apicuns, removendo o mangue, a beirada de mangue, para criar camarão, e assim está indo. Isso aí é um golpe que está anunciado. Chegará o ponto que o povo não vai mais saber pegar um peixe de forma que a gente pega artesanalmente. E é aí que eles vão entrar e dizer: “ó, isso aí está sem uso. A pesca artesanal não tem mais pescador”. É esse o argumento que vai ser usado. Porque os pescadores e pescadoras estão ficando velhos e velhas, a gente não está conseguindo fazer novos pescadores. Porque eles estão atraídos pela carcinicultura, estão atraídos pelos grandes estrangeiros que estão chegando dentro dessas comunidades, construindo seus *resorts*, seus hotéis e estão levando o povo para trabalhar de camareira, de garçom, e eles dominando toda essa área.

O nosso povo aqui nessa região está vivendo tipo trabalho escravo. Sempre me dividi dentro da minha comunidade na terra e no mar, sei trabalhar o tempo certo em cada coisa, mas tem um período que vou para a praia vender minhas ostras, porque não aceito vender nada atravessador, aí vou para a praia. E vejo o sofrimento que aquelas mulheres e homens vivem na mão de empresários. 80% desses empresários são estrangeiros, que estão instalados aqui no Baixo Sul e Extremo Sul. Uma coisa que não posso abrir mão de falar aqui é a vida dos pescadores, da dor, da raiva. Nossos pescadores natos, nossos pescadores velhos, o pessoal tem mania de falar que o pescador é cachaceiro. O nosso povo perdeu espaço, esses pescadores perderam espaço. E não tem quem fale por eles. Essas pessoas estão morrendo amarguradas. E digo por conhecimento que estou aqui e sou uma pessoa muito atenta, onde vou, observo isso. Se é os pescadores das ilhas, que eles não têm uma condição boa de ter um barco para eles saírem para distante, eles não podem mais pescar ali em volta da ilha, porque cada ilha dessa tem passeio de turismo em volta da ilha e essas lanchas passam por cima dos apetrechos de pesca. Esses pescadores só aprenderam a fazer isso. Eles não têm lugar nem para trabalhar de garçom, porque são pessoas idosas, pessoas que têm o seu próprio costume, não se encaixam para trabalharem com turismo. Essas pessoas se jogam na cachaça, se jogam na amargura e estão morrendo, são pessoas que não têm importância e ninguém vê.

Ninguém vê. As pessoas estão representando por lá, mas não está. O que está sendo feito? Essa representação está valendo de quê? Digo que vejo em Morro de São Paulo, muitos pescadores, aqueles que ainda estão bons, que ainda conseguem pescar em alto mar, ainda estão fortes, eles têm que se humilhar aos donos de restaurantes porque os barcos e as embarcações estão na mão desse povo, aí pegam esses pescadores e mandam para o mar para trabalharem para eles.

Foi isso que o turismo fez em nossa região. Meninas e meninos das nossas comunidades quando chegam nessas praias, nesta região, sofrem assédio imenso por essa galera estrangeira, sabe? Tem meninas que já desapareceram, simplesmente desapareceram. E tudo isso é ali, tudo guardado, asfixiado, não pode ninguém falar. Ninguém pode chegar e falar que acontece tudo isso no Baixo Sul. A gente vê isso e a gente não pode gritar, a gente não pode falar, porque a gente pode morrer, entende? Foi isso que o turismo trouxe para nossa região, acabando com nossa juventude, sabe? Tirando a paz e o sossego, iludindo o povo. Tenho um filho, meu filho é um menino bonito, grandão, nunca levei para me ajudar na praia. Quando vejo um pescador,



tem um pescador em morro mesmo, um indígena, a gente vê na cara que o homem é indígena. Pescador nato, profissional, vejo o homem andando na praia, perambulando, sabe? Porque o pescador, independente da idade que ele tem, ele quer pescar. Ele quer pescar, porque aquilo alimenta ele. E aí, você vê o pescador não poder botar uma rede no mar, que a lancha joga embaixo, corta, e o turista passa, vê uma canoa lá, o pescador tentando equilibrar a sua canoa para a onda da lancha não importa, o turista tá de lado dando um tchauzinho, rindo, tirando foto, sabe? Isso é lamentável. E por conta disso, decidi fazer o que dá para fazer luta fora, mas está aqui na base.

Entrevistadoras: Por quem o Sr. Nildo Bomfim? Com quem luta? Por que segue lutando?

SR. NILDO SACRAMENTO BOMFIM: Olha, iniciei falando dos mais velhos e mais velhas. Comecei pelo que vi, pela realidade do meu pai. Vi a realidade de muitas outras pessoas. Como foram enganadas. Fui crescendo, fui passando a entender. E hoje estou aqui nesse lugar muito feliz por fazer o que eu faço. Muito feliz por estar no lugar que estou. Porque acho que nossos antepassados estão muito alegres. Estão muito felizes pelo que está sendo feito por nós aqui. Para quem luto, acho que luto para mim mesmo. E luto porque é lutar para o nosso povo, para os mais velhos e mais velhas.

Lutar pelos mais velhos é lutar por mim, é lutar pela futura geração. E para que a gente tenha respeito por tudo aquilo que a gente chegou e encontrou, entende? Se todo mundo, se a gente consegue contagiar e ir contagiando pessoas para se indignarem, é assim que a gente vai conseguir manter esse respeito. A gente precisa saber que tem água, tem mata, tem terra. E a gente precisa fazer a nossa parte para que a gente respeite e dê espaço para a futura geração, sabe? Porque lutaram por nós. Para mim, a maior felicidade é saber que estou contribuindo, da mesma forma que meus antepassados contribuíram para que eu esteja aqui hoje, e estou fazendo a minha parte.

Com quem luto? Pronto. Começo pela minha família. Vou lhe dizer que hoje, se não tivesse uma família bacana, que acredita, mas ainda tem medo. Às vezes, tem medo. “Ah, meu pai, você pode morrer.” Quando você tem uma esposa, um filho, um irmão, um sobrinho que lhe diz... “Oh, você está certo. A gente está com você”. Isso me fortalece. E aí vem lideranças de outras comunidades que estão ali naquela luta e que estão apoiando. Então, isso é muito bacana. Por que estou fazendo isso? Me pergunto várias vezes. Por que estou fazendo isso? Depois volto e peço perdão, porque acho que é a minha missão. É a missão que foi dada e eu preciso seguir. E não dá para ser diferente. Não dá para ser diferente. Se o nosso povo se revoltasse, conseguisse se revoltar, a gente teria um mundo melhor.

HISTÓRICO

Submetido: 24 de novembro de 2024.

Aprovado: 25 de novembro de 2024.

Publicado: 19 de novembro de 2024.



DADOS DO(S) AUTOR(ES)

Andréa Souza Bomfim

Quilombola da sexta geração da família Bomfim, no Quilombo Pesqueiro Graciosa (BA). Atualmente, é Mestranda em Direitos Humanos e Cidadania pela Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa: Democracia, Constitucionalismo, Memória e História. Especialista em Direito Penal e Criminologia pelo Complexo de Ensino Renato Saraiva (CERS). Graduada em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É membro da Articulação de Mulheres Pescadoras da Bahia (ANP).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-9160-2727>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9812253997129944>

E-mail: andrea_souza55@outlook.com

Rosânia do Nascimento

Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, pelo Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ). Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (PPGAS/DAN/UnB). Possui licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) e bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB).

ORCID: (<https://orcid.org/0000-0003-0190-3714>)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3216163472999088>

E-mail: rosaniaoliveira01@gmail.com

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

BOMFIM, A. S.; NASCIMENTO, R. “O mar e a terra são territórios”: Ensinamentos do Sr. Nildo Sacramento Bomfim, do Quilombo Pesqueiro Graciosa-BA. **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 13, n. 25, e14532, 2024.